

1- Qual foi a maior ou maiores diferenças culturais que encontraste?

Em DHAKA tudo é diferente. Com mais de 90% da população muçulmana apenas se para à sexta-feira para rezar, não existe fim de semana de dois dias como aqui em Portugal. As roupas, completamente diferentes das nossas, têm na sua base túnicas e lenços envoltos nas cabeças. Isto tudo no meio de um calor insuportável e com muita humidade.

2 - Qual o momento mais feliz para ti?

O momento mais feliz para mim foi, sem dúvida nenhuma, quando conheci e adoptei a "minha filha". A TONY é uma menina, como tantos outros miúdos que estudam e estão no nosso projecto, muito sensível e necessitada de carinho mas com muita atitude o que fez com que eu acreditasse nela.

3 - Qual o momento mais triste?

Aqui também não tenho dúvidas, o momento mais triste foi quando me vim embora de DHAKA. O último dia foi todo muito aflitivo e doeu muito deixar os miúdos, a Maria e todas as pessoas que trabalham na sua equipa.

4 - Qual é na realidade a dimensão do Dhaka Project no terreno?

O Dhaka Project tem uma creche, um infantário, a pré-escola, a escola, a loja de venda roupa usada, a loja da mercearia, a carpintaria, as bicicletas para alugar, a escola de cozinha, a escola de costura, o médico, o dentista, o salão de beleza onde se dá formação às senhoras que mais tarde vão trabalhar para os hotéis. Antes de lá chegar nunca imaginei que o projecto tivesse tantas actividades. Mas depois e ter noção da realidade tão diferente da nossa, comecei a dar razão à Maria e a pensar da mesma forma que ela: "Já fazemos muito, mas será que não podíamos fazer mais um bocado?". E é essa a realidade de Dhaka, ir crescendo, ir acreditando que é possível tirar aqueles miúdos das ruas e não nos acomodarmos a valores, a números, quando a realidade é bem diferente.

5 - O que te levou a apadrinhar aquela criança...??

O meu amor pela TONY foi amor à primeira vista. Ela é uma menina muito especial e muito parecida comigo, com muita atitude mas ao mesmo tempo um doce de criança. Passámos dias em que, sempre que eu estava no infantário, não me largava o dia inteiro toda atenciosa, toda querida... No entanto, tinha os seus dias principalmente quando estava mal disposta. Antes de voltar para cá consegui mudar os pais para um quarto maior, comprei mobílias novas e uma secretária para a irmã mais velha poder estudar à vontade, bem como paguei a renda por um ano.

6 - O que é que dirias a um voluntario que fosse agora?

A um voluntário que fosse agora diria em primeiro lugar para me trazer todas as informações que pudesse da TONY. Em segundo lugar, diria para consultar um médico da Consulta do viajante, dizer os dias que vai, para tomar a medicação. Que em situação alguma deveria beber água sem ser engarrafada e fechada, porque em muitos locais vendem da torneira.

E acima de tudo para brincar muito com os nossos miúdos do projecto o que eles precisam mais, além de todas as outras necessidades é de carinho e afecto. Por fim



perguntaria se não me dava boleia.

7 - Quais são as necessidades mais urgentes que encontraste?

Os miúdos e as pessoas que trabalham directamente com o projecto estão relativamente bem, têm as necessidades mais básicas resolvidas. Por isso, na minha opinião, a necessidade mais urgente é continuar a ajudar a Maria, enviando donativos para o terreno para que a ajuda de todos os que estão não falte e, ao mesmo tempo, para que se consiga continuar a tirar crianças da rua.

8 - Como é que se vive com a realidade da água potável ser um bem escasso?

A água não é potável mas gentes de lá sempre a beberam e por isso têm problemas de saúde pese embora o organismo deles não reage da mesma forma que o nosso. Mas devemos entender a dificuldade em manter a água potável quando chove de Maio a Outubro por força das monções, existe lixo amontoado por todo o lado e não existe saneamento.

9 - Em média qual o grau de escolaridade das pessoas?

A resposta correcta seria, a escola da vida ou das ruas. Os nossos miúdos estudam até ao ensino básico e depois os colégios não estão a aceitar os que querem continuar a estudar porque vêm das ruas o que é muito revoltante. Só a classe média alta tem dinheiro para pagar colégios particulares e seguir os estudos. Mas, mesmo sendo nós a pagar para as nossas crianças prosseguirem os estudos, continuam a não os aceitar, uma vergonha.

10- Conheceste algum caso de sucesso de alguma família que tenha feito a transição e já não esteja no Dhaka Project? Como é a vida delas, após terem saído do Dhaka Project?

A Maria algumas vezes no Dubai consegue emprego para algumas famílias lá e esses são os nossos casos de sucesso, apenas tem que aprender a falar o inglês para irem para o Dubai. Mas, alguns ficam mesmo em Dhaka a trabalhar em salões de beleza, em hotéis, como motoristas.

11 - Como é o clima?

O clima em DHAKA é quente e húmido com monções de Maio a Outubro, com muita chuva e inundações. Mas acima de tudo calor, muito calor mesmo.

12 - Existem bens de primeira necessidade?

Sim. Existem bens de primeira necessidade. Em DHAKA o arroz cozido é um bem de primeira necessidade.

13 - Que linha aérea utilizaste?

Eu fui pela British Airways. Mas sei que a companhia aérea para a qual a Maria trabalha, a Emirates Airline, voa para lá. Contudo, a Emirates não voa para Portugal pelo que terias que fazer um voo, para um país qualquer e de lá seguir para DHAKA. Por exemplo, Inglaterra (Londres).

14- Qual foi a situação, em Dhaka, em que mais sentiste que fizeste diferença?

Em Dhaka muito facilmente sentimos que fazemos a diferença. São pessoas muito carenciadas, principalmente as crianças, com quem trabalhamos mais directamente no nosso projecto.

Uma aula dada em inglês, uma aula em que os ensinava a usar cartolinas, tesouras e todo esse tipo de materiais eles ficam muito felizes. Uns são criativos e fazem desenhos e qualquer coisa de diferente, mas a maioria desenhava a rosa do Bangladesh o mausoleu de Dhaka e a grande maioria a bandeira do país deles.

Uma vez na rua eu estava no centro da cidade de Dhaka distanciada de Gawair, localidade onde temos o Dhaka Project instalado, e um senhor vinha na rua de moto e parou; perguntou em inglês de onde eu era, disse que era portuguesa e expliquei o porque de estar em Dhaka, ele disse ~que conhecia o Projecto e acrescentou que era polícia, não estava fardado porque era o seu dia livre, e agradeceu por visitar o país dele e se eu estava a gostar de Dhaka.

Todos eles, em qualquer idade, têm um orgulho enorme no seu país na sua cultura,

na suas vidas e quando me esforçava para dizer qualquer palavra em Bangla, ou sempre que usava as túnicas muito mais compridas que as nossas, eles sentiam um orgulho enorme e agradeciam por todo lado que passava por visitar Bangladesh e ajudar o Dhaka Project.

15- Quais as idades das crianças e a percentagem rapazes / raparigas ?

No Dhaka Project temos a creche e o infantário frequentado por crianças desde os primeiros anos de vida até os 4 anos, respectivamente, após esta idade são transferidos para a pré-escola onde ficam até os 6 anos. Depois iniciam a escola primária e seguem até completar o ensino básico. Existem mais raparigas que rapazes mas a diferença não é muito significativa.

16- Qual o teu principal conselho para os próximos voluntários ?

Vivam e respeitem Dhaka, tudo tem o seu ritmo próprio, são um povo que têm e vivem as mesmas rotinas anos a fio, tentem ajudar criando rotinas, mas diferentes. Ensinar inglês aos miúdos e graúdos.

Dar muito colo e muito mimo na creche. Tirar fotos da minha menina a Tony :), esta é como uma espécie de praxe do voluntário* tuga :), apenas quero ver como ela cresce.

Brinquem muito, corram e saltem muito na Pré-escola

São um povo simpático, mas frio, a miséria em que vivem não lhes permite toda esta alegria e felicidade que tentamos "deixar" nas crianças, mesmo que seja por momentos, mas eles sempre se lembram dos voluntários, quando lhes mostrava fotos deles.

Tudo que vocês acharem, lá no terreno, que está mal, ou que o Projecto poderia ser alterado, falem com a Maria, se ela estiver em Dhaka, ou com um dos rapazes dela, que foi com eles que ela começou o Projecto e que em tanto confia e proponham as mudanças.

E agora um abraço do tamanho de Dhaka para os dois voluntários que vão em Dezembro.

17- É com orgulho por a Cristiana que escrevo estas poucas linhas... Ainda bem que existem pessoas assim com esta vontade de ajudar o próximo e com alguma disponibilidade para tal embora com muitos sacrifícios pelo meio concerteza.

Gostaria de saber da própria Cristiana o que poderemos nós fazer para os ajudar lá com os poucos e poucos recursos como são os meus, já que me debato diariamente para conseguir arranjar dinheiro para sobreviver até ao fim do mês.

O nosso mundo é muito diferente mas também por isso exige mais.

É com mais orgulho ainda que respondo ao teu mail.

Sim sacrifícios alguns, para começar financeiros, só para a viagem 1000 € !!! Mas nunca me vou arrepende de gastar esse dinheiro e tenciono voltar no Verão. Sou de Braga e neste momento estou a dar aulas em S.Jorge nos Açores e estou a adorar.

Trabalhar com miúdos, ensinar e ver que eles estão a aprender e que podemos fazer a diferença na vida deles.

Não são como os de Dhaka, mas é muito gratificante para mim poder fazer alguma coisa por eles.

Em Dhaka por muito pouco que se faça, para eles é muito.

Lá fiz de tudo; pintar casas, dar aulas de inglês, catalogar as crianças e as famílias. Acreditas que os pais nem sabem a data de nascimento dos filhos!!!!

Muitos nem o ano em que nasceram sabem.

É impressionante.

Vai divulgando o projecto e vendo o site e o blog, que já fazes muito.